

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – ESCOLA DE ENGENHARIA DE SÃO CARLOS – OS PRIMEIROS TEMPOS: 1948-1971²⁷

Marilda Marconi Furukawa

ESTE livro é o terceiro de uma trilogia escrita pelos autores, como resultado de pesquisa realizada nas escolas mais representativas da cidade de São Carlos, Estado de São Paulo. Os outros dois foram a Schola Mater – Escola Normal de São Carlos – e a Escola Profissional.

Dermeval Saviani, ao apresentar a obra, considera feliz a associação de Paolo Nosella e Esther Buffa, e de como suas experiências como pesquisadores, primeiro individual, depois em conjunto, “produziram um relato simples e claro (...) capaz de nos proporcionar uma leitura corrente e prazerosa”. Saviani também aguça nossa curiosidade ao dizer que “sua leitura é obrigatória para os pesquisadores da área”.

Difícil não concordar com Saviani, porque realmente a obra é escrita de maneira clara e atraente. Não só pela clareza e simplicidade dos autores ao escrever, mas também porque das três preocupações teórico-metodológicas que norteiam suas pesquisas, todas importantes para o resultado. A segunda delas chama atenção ainda mais por seguir a nova abordagem decorrente da Escola de Annales, que, segundo os autores, “provocaram uma transformação nos objetos de investigação, na maneira de trabalhar do historiador e nas concepções de história”. “Assim, são considerados não só os instrumentos tradicionais como fontes de pesquisa”, mas também “histórias da vida privada, das pessoas simples, do seu cotidiano, da vida doméstica, religiosa, sexual”. São importantes, portanto, para compor esta pesquisa, fotografias, artigos de jornal,

²⁷ NOSELLA, Paolo; BUFFA, Esther. Universidade de São Paulo – Escola de Engenharia de São Carlos – Os primeiros tempos: 1948-1971. São Carlos: UFSCar; FAPESP, 2000

entrevistas, depoimentos de professores, ex-alunos, atas, teses, livros revistas, boletins, monografias, memórias, dissertações, etc.

Dss outras duas preocupações teórico-metodológicas, uma diz respeito às relações entre trabalho e educação e a outra quer entender a história das instituições escolares “não apenas factual nem apenas descritiva mas também interpretativa”. Embora pretendessem, inicialmente, escrever a história da EESC desde sua criação até os dias de hoje, optaram pelo período de 1948 a 1971, por considerar os primeiros tempos muito diferentes dos atuais.

Os autores assumem, em sua opção metodológica, “o particular como expressão do desenvolvimento geral”. André Petitat e seu estudo sobre o surgimento dos colégios franceses no século XVI proporcionou inspiração para estabelecer as categorias de análise.

O livro é chamado pelos autores como Relatório Final da pesquisa e é composto por sete tópicos. Tentaremos, ao descrevê-los, mostrar um pouco das evidências das escolhas teórico-medodológicas que tornam o Relatório rico em detalhes históricos que muitas vezes passam despercebidos e são importantes à memória de nosso país.

Criação e instalação da Escola de Engenharia de São Carlos/USP

No início deste item, ao descrever o movimento e mobilização da cidade de São Carlos para trazer a universidade para o interior, os autores comparam-nos com os dias atuais: “Nós queremos a Escola”, “Viva a Escola” – eram frases escritas com cal nas sarjetas, e não pichadas nos muros, como nos dias de hoje. Até então, Universidades eram privilégios das grandes capitais.

Essas manifestações populares refletiam articulações políticas: Miguel Petrilli, deputado estadual por São Carlos, era o principal articulador político da criação da EESC. Tinha um oponente, o deputado Rubens do Amaral, que considerava que as cidades maiores tinham mais direito à instalação da Universidade. O governador Adhemar de Barros, em sua campanha, prometera criar uma universidade no interior. Eleito, apresentou ao Conselho Administrativo do Estado o projeto de criação da futura Universidade do Interior, e Miguel Petrilli logo apresentou à Assembléia Legislativa projeto de lei para implantação da universidade em São Carlos.

Após várias discussões e alguns obstáculos, resolveu-se não criar uma nova universidade no interior do estado, mas Faculdades subordinadas à Universidade de São Paulo. Uma vez que as grandes escolas de prestígio eram Medicina, Politécnica e Direito, Petrilli insistiu em que fosse criada em sua cidade a faculdade de Engenharia. Devido ao prestígio da Escola Normal, o natural seria que fosse criada a Faculdade de Ciências e Letras, porém essa não possuía o prestígio das outras. Tal prestígio se devia à sensibilidade da sociedade pela Tecnologia nos anos do pós-guerra, segundo a professora Yvonne Mascarenhas, entrevistada pelos autores. Até então, as renomadas escolas de engenharia eram a Politécnica da Universidade de São Paulo, o Colégio Mackenzie e a Faculdade de Engenharia Industrial (FEI).

Criou-se a Escola de Engenharia de São Carlos em 1948 como uma Faculdade da Universidade de São Paulo (EESC/USP), cuja instalação se deu em 1952. Foi doada pelo então prefeito municipal, sr. Antonio Massei, uma grande área urbana, de propriedade da Prefeitura. Aqui constatamos o sentimento da época em relação à área, pelo seu depoimento: “Desativei o Posto Zootécnico que conhecia desde criança e era muito conhecido pelo município, onde havia cavalos de raça”. Enquanto eram construídas as instalações para o funcionamento da Faculdade, a Escola foi instalada provisoriamente na Casa D’Itália, da Sociedade Dante Alighieri. O curso iniciou-se em 1953, após os Concursos de Habilitação, hoje chamados de Exames Vestibulares.

O clima cultural dos anos 50

Os autores ressaltam o clima de integração, para a criação da Escola, entre os diferentes sujeitos sociais: políticos, acadêmicos e a comunidade, cada um desempenhando seus papéis. Esse clima de integração aparece em vários depoimentos. O professor Theodoreto de Arruda Souto foi designado para dirigir a Escola e o fez por 15 anos. Sua preocupação em participar das festividades da cidade, e organizar eventos, é descrita minuciosamente.

A Escola colocou em primeiro plano a pesquisa científica. Através de depoimentos de professores, podemos ter idéia de como se deu essa atividade. Embora o sossego de uma cidadezinha do interior, com quarenta mil habitantes, proporcionasse maiores facilidades aos professores para se dedicarem à pesquisa, a ênfase nela se deu pela vinculação da Faculdade à Universidade de São Paulo e “ao clima cultural do pós-guerra, que privilegiava a pesquisa científica”. Acreditava-se que o Brasil poderia superar seu atraso através do desenvolvimento tecnológico.

Os primeiros anos

Neste tópico, são descritos os professores dos primeiros anos de funcionamento. Através de depoimentos, podemos ver alguns deles, estrangeiros vindos de importantes instituições, da Itália, França, Alemanha, EUA, respeitados e admirados. A USP tinha como prática convidar professores de fora do país para lecionar em seus cursos, e a EESC fez o mesmo. Os professores brasileiros criaram laboratórios de fama internacional. Todo esse corpo docente consolidou o prestígio da Escola. “A leitura dos anuários permite destacar três características básicas: rigor científico-acadêmico, ponto de honra da instituição; dedicação do diretor, professores e funcionários; participação e entrosamento entre estudantes, professores e direção”. Muitas informações sobre o quadro de professores, suas experiências em publicações científicas e docência, são encontradas no discurso do diretor na formatura da primeira turma.

Ainda neste tópico, é apresentada lista dos alunos aprovados nos Concursos de Habilitação, depoimentos de alguns deles sobre esse exame, que nos dão uma idéia mais precisa do que se estivéssemos a ler apenas os documentos que tratam o assunto. Temos ainda a descrição da aula inaugural, que evidencia o pensamento da época em relação à criação da Escola.

O espaço físico

Este tópico narra os passos para elaboração do projeto de construção da cidade universitária, e que deveria ser decidido pelos órgãos superiores da USP, em São Paulo, uma vez que a EESC a ela pertencia. Detalha o plano piloto, que nunca saiu do papel, e finalmente a construção do E1, o primeiro edifício, concebido a partir das idéias defendidas pelo governo brasileiro de um projeto de modernização baseado nas indústrias. “Nota-se que o processo construtivo adotado foi avançado para a época, utilizando, ao máximo, as possibilidades de padronização e industrialização dos diferentes elementos da obras”. Segue descrição dos materiais utilizados, sua flexibilidade e inserção na paisagem, e espaços destinados a cada necessidade de uma faculdade de engenharia.

O Saber

Estruturação do currículo e do desenvolvimento dos estágios dos cursos de civil e mecânica, a preocupação com a pesquisa, estão descritas neste tópico, que trata também da celebração da primeira formatura, as notícias veiculadas nos jornais que trazem detalhes da festividade, deixando perceber a importância do evento para a instituição e a cidade. Transcrevem-se trechos da aula inaugural de 1957, proferida pelo presidente do CNPq, que se refere a “um novo humanismo, sensível ao mundo da Ciência e da Técnica que marcará todo o desenvolvimento posterior da EESC, influenciando a própria UFSCar – Universidade Federal de São Carlos – e o mundo empresarial local, com a criação da Fundação Parque de Alta Tecnologia de São Carlos, no final dos anos 80”.

Discorre-se sobre a história das escolas de engenharia criadas no Brasil, as necessidades sociais e políticas de sua criação, as características dessas instituições, a diversificação da área de engenharia ao longo desse período, para poder definir o perfil do engenheiro que a EESC desejava formar. Para defini-lo, os autores comparam as características específicas das três escolas, o colégio Mackenzie, a Escola Politécnica da USP, com a EESC, as escolas mais importantes em engenharia no estado de São Paulo. Fundamentam-se em Pierre Bordieu, “para quem é indispensável, em análises como essas, considerar o conjunto das escolas formadoras de engenheiros e as relações entre elas”. São apresentados depoimentos e a importância que tiveram os cursos de doutoramento e os trabalhos de pesquisa realizados pelo corpo docente.

O relato dos diferentes momentos das necessidades sociais e políticas e pensamentos das diferentes épocas já é, por si só, um desvendar enriquecedor para se conhecer um pouco da história dessas instituições desde o Império.

Trajetórias de formandos

“Sendo o formando o principal produto de uma escola, é necessário estudar sua origem social, seu percurso escolar, seus anseios, seus hábitos e suas trajetórias profissionais”. Assim pensando, os autores entrevistaram 14 formandos. Entenderam os auto-

res que “o estudo de trajetórias escolares e profissionais é um recurso metodológico importante para se compreender as necessidades que a sociedade, numa dada época, tem de determinados profissionais, como também a própria inserção desses profissionais na sociedade”. O objetivo é perceber o perfil do profissional formado pela EESC e sua trajetória profissional. As conclusões a que chegaram, mostram a importância da aplicação dessa metodologia para os resultados que os pesquisadores almejam alcançar.

A consolidação da EESC

A instalação da Escola se deu na década de 50, e consolidou-se e expandiu-se na década de 60. A EESC viveu e discutiu as questões estudantis, políticas e sociais que marcaram o Brasil, inclusive o Golpe de Estado Militar. Os autores transcrevem citações dos jornais que noticiam as lutas dos estudantes, através inclusive das greves. As reivindicações, depois do Golpe, passam de acadêmicas para políticas. No final da década, as manifestações são de caráter ideológico, contra o chamado imperialismo norte-americano.

Os autores, através de relatórios, anuários, depoimentos, jornais, relatam a expansão científico acadêmica ocorrida na década de 60, do ensino de graduação, pós-graduação, Biblioteca, Centro de Processamento de Dados, Centro Cultural, Instituto de Pesquisas e Aperfeiçoamento Industrial, Corpo Docente, Centro Acadêmico Armando Salles de Oliveira. Ainda neste tópico contam da EESC de hoje, pelos novos cursos de grande importância que foram criados, e a tradição de pesquisa que continua fazendo da Escola referência nacional e internacional.

Em sua conclusão, explicam porque seu trabalho não contém, em nenhum momento, qualquer tipo de crítica. Antecipam-se às perguntas que possa o leitor fazer, por exemplo, se não é, afinal, uma escola elitista. Consideram que uma faculdade que tem como maior preocupação o trabalho de pesquisa não é elitista porque os benefícios trazidos serão sempre usufruídos por toda a sociedade. Explicam ainda que os alunos do período pesquisado são, em maioria, filhos de imigrantes que não poupavam esforços para que seus filhos estudassem, porque “trabalho sem profissão é desperdício de energia sem reconhecimento social nem compensação financeira”.

Nenhuma crítica ao objeto pesquisado, às pessoas envolvidas, nenhum juízo de valor quanto a seus atos. Esse pensamento permeia a leitura, e tecemos essas considerações principalmente porque é raro encontrarmos textos que não façam críticas de alguma ordem. Sentimos, pela ênfase dada pelos autores para a produção científica de professores e alunos da Escola e às inúmeras teses e dissertações, grande preocupação em evidenciar a importância da Universidade Pública no país como auxiliares no desenvolvimento tecnológico, e não apenas meros formadores de profissionais. Interessante notar que este trabalho se dá em momento de fortes campanhas para a privatização das universidades e incrível aumento de faculdades sem qualquer preocupação com a pesquisa.

Procuramos, ao resenhar o livro, ressaltar aspectos da pesquisa que privilegiam a linha da Escola de Annales, pela importância dada às notícias de jornais, entrevistas com ex-alunos, modo de ser do diretor, etc. Algumas perguntas surgem na leitura,

muitas das quais, para serem respondidas, requereriam novo trabalho de pesquisa. Por exemplo, quais foram as pesquisas da EESC cujos resultados contribuíram de maneira efetiva para o desenvolvimento tecnológico do país? Quais foram as contribuições para a sociedade que justificam dizer não ser a instituição elitista?